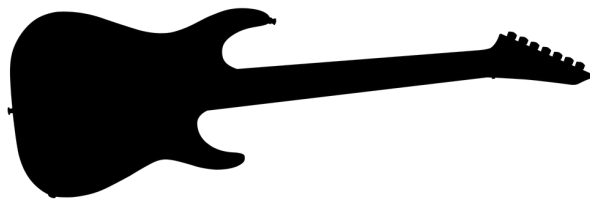


Aquela Garota



*“I’m with the skater boy
I said see you later boy
I’ll be backstage after the show
I’ll be at the studio
Singing the song we wrote
About the girl you used to know...”*

Sk8er Boi, Avril Lavigne

Gabriel

A multidão se movia em um só ritmo, como um cardume. Do palco, a impressão era que o estádio ondulava. Dei um gole na água e deixei a garrafa sobre o piano, concentrado na guitarra

pendurado no pescoço. O calor era sufocante agora que as nuvens tinham se fechado por completo sobre a cidade. A sensação era que a arena estava envolta em saco plástico.

Bandits! Bandits!

A turba entoava. Ela também gritava:

Gabriel! Gabriel!

Gabri-hell.

Ajeitei rindo o instrumento na frente do corpo. Eles gostavam de me chamar daquilo, de enfiar o inferno no nome. Dedilhei as cordas sentindo o suor pingar do rosto. A camisa tinha ido parar na plateia e o cabelo colava na testa, tampando os olhos. Vinte e cinco mil pessoas lotavam o estádio em plena quarta feira de tempo fechado; duas horas de show sob gritos, palmas e refrões cantados em coro.

Com a boca perto do microfone e os holofotes me cegando, encerrei mais um show:

— Obrigado, Belo Horizonte!! Obrigado por incendiaram esse ginásio! Valeu!!

A horda gritou, entoando o bis. Hora da música final.

Peguei ar, sentindo a faísca correr gelada pela coluna. Eu sabia que música pediriam, e andava inquieto toda vez que chegava a hora. O coro começou a entoar: *aquela garota*. Em todos os shows, em todas as apresentações, em todas as entrevistas, era *ela* que todos queriam. *Aquela Garota* era a música oficial dos finais.

Das nuvens carregadas desceu o primeiro raio, partindo o céu da cidade em dois. O trovão que o seguiu se confundiu com o eco das vozes, lançando uma corrente elétrica por mim. Foi como se a guitarra tivesse me dado um choque. O coração começou a bater rápido demais. A porrada contra a caixa torácica mandava o aviso: *você está morrendo*. O coração queria rasgar o peito pedindo por liberdade.

Pelo telão vi os dedos de Tris posicionados nas cordas, e as baquetas de Gus sobre a bateria.

— *Aquela Garota* — repeti. Aquele era o pedido.

Tris puxou os primeiros acordes sob o som de aplausos. As baquetas de Gus desceram sobre a bateria, ao mesmo tempo que outro raio caiu. Sinuoso, carregado, mais claro que todos os holofotes juntos. Das nuvens bélicas despencou finalmente a chuva.

Levei o microfone à boca, ouvindo os estalos dos pingos sobre ele. A cabeça era empurrada para o passado e, quanto mais eu ia, mais me afundava. *Eu estava morrendo*. E por estar morrendo, precisava consertar um erro.

Meu peito subia e descia, desesperado por ar. Eu estava tendo um ataque de pânico na frente de vinte e cinco mil pessoas. Perdi a entrada na música e Tris me olhou, confusa. Estava tudo fora do script. *Eu* estava fora do script. As palavras saltaram em meio à chuva sem que eu as visse sair:

— Eu gostaria de oferecer essa última música para uma pessoa.

Tris soltou um "que merda ele tá fazendo?" para Gus. Não sei o que estava fazendo. Limpei água da testa com o braço, olhando para a frente. Não via nada por causa do temporal.

— Sabe...as pessoas cometem erros. Muitos erros. Infelizmente, nem sempre dá tempo de consertá-los.

Um estádio lotado nunca ficava em silêncio, mas os sons daquele estavam estranhamente em suspenso. Eu estava exausto. Foram meses de shows, entrevistas, drogas e adrenalina a mil. Eu estava caindo há tempos, mas não podia desabar agora.

— Não dá pra voltar no tempo — minha voz retumbou, alta. — Não dá para apagar as merdas que fizemos. O problema é que também não dá para deixá-las para trás. Por isso eu queria dedicar essa música para *ela*. A garota que a inspirou, anos atrás.

O silêncio começou a se organizar em vaia, que cresceram no estádio. O ataque deu lugar a uma sensação de culpa. As pessoas entoavam *vadia*.

Va-di-a!

Va-di-a!

Eu não estava sendo sarcástico, mas eles achavam que sim. Que estava oferecendo a música como forma de provocação. Os dedos tocaram em automático os primeiros acordes, e a banda acompanhou.

Aquela vadia.

"Ele era um perdedor

O cara que ela nunca olharia duas vezes

Ele se encantou por ela — quem não se encantaria?

Ela gostava dele — mas jamais admitiria

Suas amigas torceram o nariz

Esqueça, mude de calçada, finja que não o conhece

Ele não é cara pra você

Anos depois, ela liga a TV

Adivinha quem ela vê?

*O perdedor botando o ginásio abaixo
Cantando a música sobre a vadia
Que achou que ele não teria nada"*

Toquei "Aquela Garota" sem sinal de humanidade. Foi uma performance merda, sem potência, ao contrário da porra da música que nunca perdia a energia. Ela não gastava a força nunca porque era feita de pura raiva. Em épocas de ódio, a garota da música era Judas. Uma catarse coletiva. *Perdedora, vacilona, burguesa capitalista. Ela teve o que merecia.*

Aquela garota ainda latejava no ouvido quando as luzes amansaram e eu ergui a guitarra para o alto. Continuou durante os aplausos, e a viagem no ônibus da banda até o hotel. Tris não se despediu da gente. Ignorou os fãs no saguão e subiu puta da vida pelo elevador de serviço. Gus e Rafa, o baixista, pararam para conversar com as pessoas. Nenhum deles me perguntou por que falei aquilo no palco.

— Gabriel? — Rico, o empresário da banda, me avisou. — Tem uma garota no quarto esperando por você.

Eu nunca sabia em que categoria essas "garotas" estavam: *groupies* ou babysitters. Meu empresário as escolhia. Conhecia meu tipo: loira de olhos castanhos, do tipo mignon. Era uma estratégia: me manter ocupado com sexo para não sobrar tempo para a auto-destruição.

Depois dela, uma noite solitária se seguiria a um dia solitário, e as bebidas, cigarros e drogas voltariam. E enquanto eu fodia a garota para apaziguar os demônios, a chuva insistia em trazer de volta o passado.

A estrada. A chuva. O carro parando ao meu lado.

Quando a garota tombou na cama, mais bêbada que saciada, os demônios já estavam todos ali. Todo o amor e todo o ódio. Toda a deslealdade e o arrependimento que veio depois, todo o jeito destrutivo de lidar com a vida, fazendo coisas imbecis para tapar um buraco que não tinha fim.

A chuva estalava nas janelas enquanto a madrugada avançava. Tudo que existia hoje — a fortuna, a mansão, a fama — foram desdobramentos daquela única noite, e de um gesto simples de generosidade.

Olhei para os remédios de dormir do lado da cama. Os ouvidos zuniam baixo, como fios de alta tensão. *Kurt, Janis, Jim*. Eu seria só mais um de uma longa lista. Peguei o frasco e entornei os comprimidos na mão. Não era a primeira vez que pensava naquilo, só a primeira vez em que estava em paz com a ideia. A morte viria sonolenta, como a de Xerife, o cachorro que precisei sacrificar. O

vira lata leal que por dezesseis anos me fez companhia quando ainda morava em Porto das Pedras morreu assim.

— Vou como Xerife — informei à mulher apagada na cama. Ela soltou um arroteo e se virou para o outro lado.

Doente, aleijado, cego da paulada que meu padrasto deu em sua cabeça por que achou que ele latia demais. Xerife fechou os olhos em paz. Eu também fecharia.

Enfiei os comprimidos na boca e virei a garrafa de vodka por cima. *Uma vida ruim era uma vida ruim e ponto.* A língua não demorou a ficar grossa, e logo os olhos começaram a pesar. A chuva aumentou de volume.

O carro parou pela última vez do meu lado na estrada escura.

Estava frio e eu tremia. Um rosto de anjo surgiu na janela, dizendo com voz delicada: — Gabriel? É Gabriel, não é? Meu nome é Lis, a gente estuda na mesma escola. Vem, vamos tomar um café. Um café vai te esquentar.

Lis.

Você não tinha como saber, Lis, mas naquela noite me salvou.

Eu amei te odiar e odiei amar você. A garota que nunca seria minha me estendendo a mão em piedade? Eu preferia a chuva e os ossos encharcados. Mas você tinha essa coisa de enxergar pelas fendas, e viu que eu estava blefando. Fora o orgulho, eu não tinha nada.

— Um café e só — você disse firme. Não estava me oferecendo pena, só uma bebida quente.

Sabe como eu te devolvi o gesto algum tempo depois? Te pintando para o mundo como vilã. Espero de coração que tenha aprendido a lição. Gente destruída só consegue dar o que tem: destruição. Elas costumam trincar gente como você. Todos os dias, em todas as situações.

Sua vingança foi ser tão bonita, e toda essa beleza acabou gastando o meu coração. Pena que esteja indo de forma rasteira. Com minha partida eu implodi a banda, o trabalho de Rico, a vida de Tris, Gus e Rafa. Até a guria do meu lado teria problema na justiça com a minha morte, amanhã. Mas é assim que os grandes boçais partem: fodendo com tudo. Com força. Com um soco bem dado na base, que é pra ruir tudo e não sobrar nada.

{Fim da Amostra}

Para comprar *A Garota da Música*, clique aqui: <https://amzn.to/2yl6Ds2>